

# OS SENTIDOS DA GUERRA NA SÍRIA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UMA IMAGEM

## THE MEANINGS OF THE SYRIA'S WAR AND THE CONDITIONS OF PRODUCTION OF AN IMAGE

*Abraão Janderson dos Santos AMARAL<sup>1</sup>*

*Maraisa LOPES<sup>2</sup>*

*Dastur Costa CAMPOS<sup>3</sup>*

*Kerleiane de Sousa OLIVEIRA<sup>4</sup>*

**Resumo:** O presente artigo analisou como se constituem as condições de produção da imagem de Aya, retirada da reportagem do Channel 4 News e republicada em outros veículos midiáticos. Para tanto, foi utilizado o aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista, adotando-se uma abordagem qualitativa em relação ao objeto. Em análises, observou-se parte do construto discursivo relacionado à Guerra na Síria, em que instituições midiáticas, textos e outros conteúdos contribuem para pôr em circulação as evidências do horror da guerra, através da desconstrução da posição-sujeito e da retirada do estatuto infantil e puro da criança, deslocando-o para o lugar de frieza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síria; guerra; discurso; condições de produção.

---

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras/Português (PPGEL-UFPI), com ênfase em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: abraaojanderson@gmail.com.

2 Professora Adjunta IV, Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Ministro Petrônio Portela. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI), Campus Ministro Petrônio Portela. E-mail: maraisa\_lopes@uol.com.br.

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela Universidade Federal do Piauí (PPGS-UFPI). E-mail: dasturcampos@gmail.com.

4 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/Português (PPGEL-UFPI), em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: kerleiane@outlook.com.

● ● ●

**Abstract:** The present search analyzed how the conditions of production of the Aya's image, removed from the Channel 4 News and republished in other information vehicles, are constituted. To do so, we have used the theoretical-methodological apparatus of Materialistic Discourse Analysis, adopting a qualitative approach to the object. According to some analyses, it's observed part of the discursive construct related to the Syria's War, in which media institutions, texts, and other contents contribute to circulating the evidence of the horror of the war, through the deconstruction of the subject-position and the removal of his childlike and pure status, shifting him to the place of coldness.

**Keywords:** Syria;war;discourse;conditions of production.

## Considerações iniciais

No dia 16 de dezembro de 2016, um entre tantos vídeos sobre a Guerra Civil na Síria foi publicado e posto em circulação por diversos meios de comunicação. Nesse vídeo, que transcorre no ambiente hospitalar, destaca-se a imagem de Aya, uma criança que acabara de ser vítima de um bombardeio e que, apesar de todo o susto e de todo o sofrimento, permanece quieta, em estado de choque. A partir disso, sua imagem irá se constituir em uma série de condições de produção imediatas e sócio-histórico-ideológicas que irão compor um conjunto de evidências e sentidos acerca do conflito na Síria, numa dialética entre a estrutura de um passado e a opacidade de um acontecimento.

Baseando-se nessa conjuntura, o presente trabalho tem o objetivo de analisar como se constituem as condições de produção inerentes às imagens de Aya, retiradas do vídeo postado pelo veículo midiático Channel 4 News e republicada em outros veículos de informação, dentre os quais constam os jornais The Independent, Portal de Notícias G1, Rede TV notícias etc.. Pretende-se, com isso, descrever e interpretar o desabrochar de um acontecimento sobre o conflito civil na Síria, do qual irrompem, conforme Orlandi (2005), diferentes percursos de sentido, correspondentes à estrutura e à consolidação material do fato, isto é, as evidências acerca do ocorrido (PÊCHEUX, 2015b).

Nesse sentido, utilizou-se o aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista, tendo em vista a aplicabilidade dos conceitos de **posição-sujeito**, **condições de produção** e **memória discursiva**, de Pêcheux (2014, 2015a, 2015b); e os conceitos de **constituição**, **formulação** e **circulação discursiva**, de



Orlandi (2003, 2006, 2005). Primeiramente, são trazidas as noções fundamentais acerca da teoria materialista do discurso; em seguida, são expostas as análises referentes aos noticiários sobre Aya e, por fim, far-se-ão algumas considerações finais sobre os sentidos da Guerra na Síria.

## Discurso e condições de produção

Em toda produção linguística<sup>5</sup> ou ação cotidiana, os sujeitos colocam em cena gestos de interpretação, que lhes permitem fazer a mediação entre a realidade empírica e a realidade social na qual estão inseridos. Esses gestos de interpretação, com efeito, são postos em funcionamento de modo aparentemente evidente, como se as palavras e as coisas significassem em si mesmas e os sentidos partissem da própria linguagem ou dos próprios falantes.

A Análise de Discurso, doravante AD, compreende que, em todo gesto de interpretação do real, seja através de textos, imagens ou quaisquer formas de mediação com o mundo social, cada sujeito o faz a partir de um lugar de materialização entre o que se diz/lê e sua exterioridade constitutiva. A este lugar de interseção, a AD concede a definição de **discurso**. Contrariando uma concepção segundo a qual a língua seria uma mensagem transmitida entre sujeitos de forma transparente ou evidente, Pêcheux (2014) introduz a noção de discurso, afirmando que a comunicação humana “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de **efeito de sentidos** entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2014: 82; grifos nossos).

Nessa perspectiva, o discurso, como efeito de sentidos, permite que a língua signifique e forneça aos sujeitos gestos de interpretação. Porém, a significação decorrente da linguagem não seria constituída apenas no/pelo discurso, mas também através do que se compreende como **condições de produção**, isto é, a exterioridade constitutiva e imediata do discurso. Pressupõe-se, pois, que os sentidos dos signos não são únicos e absolutos, mas dependem das condições de produção em que se produz o enunciado. Segundo Orlandi (2003), “não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso” (ORLANDI, 2003: 52).

---

5 Entende-se, neste artigo, o adjetivo *linguístico/linguística*, como referente à linguagem em seu sentido lato, compreendendo todo processo de semiose e materialização comunicativa.





Em toda prática social, na qual os sujeitos procuram atribuir sentidos ao real à sua volta, eles não o fazem sem estabelecer relação com as situações imediatas com que se deparam. Sendo assim, a leitura do mundo e da sua materialidade pressupõe situações enunciativas, que colocam em convergência elementos imediatos e presentes com a sua historicidade. Da mesma forma, a transparência da realidade e seu entendimento sobre a mesma só ocorrem porque toda a configuração de sentidos já fora constituída anteriormente através de mudanças históricas e de uma construção sócio-ideológica. Portanto, as condições de produção do discurso, consoante Orlandi (2006), dizem respeito ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico-ideológico em que toda produção discursiva é formulada.

Não obstante, as condições de produção, em seu sentido estrito e em seu sentido lato, também colocam em cena sujeitos discursivos, que “estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque” (ORLANDI, 2003: 21). Dito de outro modo, cada sujeito faz uma projeção de imagens do outro e de si, uma série de **formações imaginárias**, que constituem **posições-sujeito** que cada um ocupa discursivamente e pelas quais se estabelecem imaginários sociais.

A partir do imaginário social, que é constituído sócio-historicamente pelos sujeitos numa determinada formação social, toda posição-sujeito passa a estar inserida numa configuração discursiva, intitulada de **relações de força**, através da qual são impostas disjunções lógicas, determinando aqueles que detêm o poder de pôr em circulação determinados discursos e aqueles que não o têm (PÊCHEUX, 2015b). As condições de produção, portanto, dizem respeito a toda a configuração social que individualiza e determina o sujeito e que, ao mesmo tempo, coloca-o em relação com o equívoco, com o novo.

De modo geral, observa-se que a produção de sentidos, para funcionar como tal, depende daquilo que a subjaz, as condições de produção instituídas historicamente, em consonância com o seu momento presente, a situação enunciativa na qual determinada materialidade linguística é textualizada. Pode-se afirmar, pois, que o discurso está no limiar de sua própria estrutura e de seu próprio acontecimento, na medida em que “objetos discursivos de talhe estável, detendo o aparente privilégio de serem, até certo ponto, largamente independentes dos enunciados que produzimos a seu respeito, vêm trocar seus trajetos com outros tipos de objetos”, reatualizados sob novas situações comunicativas (PÊCHEUX, 2015b: 28). Esse efeito de anterioridade, que fornece sentidos pré-construídos e as evidências do real, constitui o papel da **memória discursiva**.



Os sentidos pré-existentes mobilizados pela memória discursiva, segundo Mariani (2007), são construídos no decorrer da história a partir de uma “disputa de interpretações” entre diversas formações ideológicas (cujo processo é desigualmente disputado em decorrência das condições materiais e objetivas que determinam a dominação de uma sobre a outra), que resultam na cristalização ou na predominância de interpretações. Com efeito, a ideologia encarrega-se de naturalizar um sentido comum e hegemônico no imaginário coletivo de uma sociedade, apagando (ainda que não em sua totalidade) outros sentidos que se encontram em relação de disputa com a formação discursiva hegemônica. Sendo assim, Pêcheux (2015a) entende a memória discursiva

como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva teria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível com relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015a: 52).

De acordo com Pêcheux (2015a), o trabalho da memória discursiva é garantido pela sua constante repetição e estabilização sob novas condições de produção, as quais, por conseguinte, mantêm sua circularidade pelas instituições sociais (midiáticas, familiares, escolares, políticas etc.)<sup>6</sup>. É nesse sentido que, para a análise do discurso materialista, nenhum sentido é totalmente novo, já que depende de uma memória discursiva instituída historicamente para manter sua continuidade e seus efeitos de evidenciação.

Orlandi (2005) pensa esse processo de produção de sentidos a partir de três eixos: a **constituição**, a **formulação** e a **circulação**. Conforme a autora, a constituição está no nível histórico-ideológico da linguagem, na origem dos sentidos (a memória discursiva); a formulação diz respeito à atualização dos sentidos a partir de condições de produção e da situação imediata da materialização linguística ou da produção textual; e a circulação consiste na disseminação de um texto, através das instituições sociais e das próprias atividades de interação. Cada um desses processos implica a estabilização de sentidos e resultam na hegemonia de uma determinada memória discursiva, cuja cristalização culminará no nível da constituição, garantindo, assim, a continuidade dos processos discursivos.

---

6 Althusser (1995) nomeia essas instituições de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), uma vez que consistem em complexos sociais responsáveis pela garantia da ideologia vigente e, concomitantemente, a manutenção da superestrutura político-econômica (no caso da atual formação social, o sistema capitalista).



## Entre a imagem e o sentido

Compreender as condições de produção, isto é, o contexto da formulação discursiva consiste também em entender a materialidade através da qual o discurso é materializado, o que, no caso em questão, nos leva a considerar o caráter material do vídeo, analisando-o numa perspectiva de discurso, mais precisamente como efeito de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2006). Assim, vídeos e fotogramas são mais do que um recurso, como também não são simples congelamentos de instantes. Sua elaboração e sua interpretação (produção de sentidos, inclusive de opacidades) inserem-se na polissemia atribuída pelo filmador, pelos filmados e pelos espectadores que se expandem no espaço-tempo.

As imagens do cotidiano decorrem da necessidade social e subjetiva conferida à filmografia de ordenar imaginariamente o irrelevante. A tensão dialética entre ocultamento e revelação imprime no vídeo as intencionalidades da ausência e da emergência (cf. SANTOS, 2002). O detalhe e a memória são dependentes dessa tensão, são interpretadas por algo que não estava em cena, constroem e destroem os sentidos da realidade social. Depreende-se, conseqüentemente, que o recurso audiovisual desempenha uma função socialmente estabelecida, forma processos intersubjetivos e, enquanto linguagem, compõe uma peça relevante no jogo do poder.

Desta maneira, como explicitaremos na imagem do conflito desencadeado em Aleppo na madrugada do dia 16/12/2016 (acontecimento), percebem-se as nuances de uma dramaturgia social (MARTINS, 2008) sintetizada na cena capturada, nas contradições, nas incertezas e nos acasos dos sujeitos. Bittencourt (1998) considera a imagem como uma narrativa visual. Na perspectiva discursiva, poder-se-ia pensá-la como sequência comunicativa, que amplia a compreensão dos processos de simbolização e produção de sentidos nos universos culturais. Dessa forma, a imagem ultrapassa a função de apêndice do texto escrito, do aspecto documental e comprobatório do objeto antropológico e da presença do pesquisador no campo. Para Bittencourt (1998), a imagem permite retratar a história visual de uma sociedade, documentar dimensões imateriais, aprofundar a compreensão da cultura material, possibilita o entendimento de processos de mudança social, evidenciar ausências, como o vídeo (acontecimento) que registrou o ataque sofrido em Aleppo.

A autenticidade produtora de sentidos (estrutura linguística) da imagem fotográfica assenta-se na relação de coautoria estabelecida entre fotógrafo e “espectadores” (ambos interlocutores), desde o momento do registro imagético à produção de sentido (estrutura-acontecimento). Isso tem, no âmbito do presente trabalho, a pretensão de restaurar o reconhecimento entre o sujeito da imagem e o contexto, mais precisamente a textualidade (ORLANDI, 2006: 22), relacionando



o texto (imagem) consigo mesmo e com sua exterioridade. A interpretação fotográfica não se apoia unicamente na análise documental, exige ainda análise reflexiva que coloca em situação de comunicação os sujeitos interlocutores (o fotógrafo e o “espectador” da imagem).

Nas análises de textos verbais, as condições de produção compreendem a exterioridade da linguagem, o que está para além do posto. Refletir sobre as condições de produção de um discurso/imagem significa voltar-se para os sentidos nele constituídos e aquilo que está fora. Assim, a imagem produz sentido na medida em que se coloca na relação entre interlocutores, num acontecimento discursivo, num determinado contexto histórico social.

## **A materialização dos sentidos da guerra na Síria e suas condições de produção**

Ao tratar das condições de produção do arquivo proposto, é necessário colocar em destaque, primeiramente, a dialética entre o contexto imediato (o momento de textualização da imagem, sua circulação nos veículos de informação, os efeitos de sentido constituídos a partir do texto etc.) e o contexto sócio-histórico-ideológico através do qual a produção discursiva pôde ser efetivada (a historicidade inerente ao texto, a memória discursiva sobre o fato e as posições-sujeito a colocarem em evidência jogos de interpretação para/por sujeitos etc.). O contexto no qual surgiu a imagem, antes mesmo de sua circulação, já era colocado em evidência através da mídia, dos discursos políticos, das conversas cotidianas etc., dentre diversos modos que possibilitassem a interpretação e ancoragem de sentidos.

É importante destacar que, nos moldes da análise de discurso materialista, os processos discursivos e ideológicos, localizados no nível da superestrutura da formação social vigente, são determinados, antes de tudo, pela infraestrutura político-econômica. De acordo com Pêcheux e Fuchs(2014),

O funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a essa base econômica (PÊCHEUX; FUCHS, 2014: 162).

Nessa medida, a hegemonia político-econômica é um aspecto determinante para se delinear a configuração de uma memória discursiva a respeito da guerra



civil e geopolítica que se estende na Síria desde o ano de 2011. É por tal motivo que Hajjar (2016) faz a observação de que os conglomerados de mídia dos países centrais do capitalismo<sup>7</sup> enfatizam muito mais o caráter sectário e étnico do conflito do que propriamente as questões político-econômicas que envolvem tanto os países do entorno, como Irã, Turquia, Iraque etc., quanto os países ditantes da ordem geopolítica global, como Estados Unidos, França, Rússia e outros.

O apagamento de toda a complexidade da guerra compõe, de acordo com Said (1990), um imaginário de barbárie historicamente constituído em torno dos países do Oriente Médio, ao passo que destitui, dos países ocidentais, a parte que lhes cabe do conflito, inclusive o apoio a grupos opositores intitulados “rebeldes” que reivindicam, de fato, uma islamização do Estado (BANDEIRA, 2013). Nesse sentido, a mídia ancora-se numa memória de longa data que vem a chocar-se com novas condições de produção, de modo a constituir determinados efeitos de sentido.

Entre os dias 14 e 16 de dezembro, no ano de 2016, o estado de Aleppo, localizado na região norte da Síria, sofreu uma série de bombardeios efetuados pelo governo sírio e por rebeldes da oposição, após a quebra do cessar-fogo, acordado entre ambas as partes – o governo de Bashar al-Assad, juntamente a seus aliados, e os membros da oposição que detinham o controle do centro do estado. O confronto parecia um fato imprevisível e ao mesmo tempo esperado. As tropas da oposição estavam em retirada e o governo até cedera um tempo até que todos saíssem, o que não impediu que houvesse mais um desastre. Os dias de bombardeio eram apenas uma parte do acontecimento que se configurava e ganhava corpo desde o ano de 2012, quando o estado foi tomado por grupos opositores, ou seja, desde a vitória do governo sírio diante da batalha que se estendeu por quatro anos, intitulada Batalha de Aleppo.

Do outro lado do acontecimento, veículos jornalísticos nacionais e internacionais colocavam em circulação notícias, documentários, comentários, estatísticas de mortalidade e narrativas, isto é, através da instituição midiática, era constituída uma memória discursiva sobre a guerra civil na Síria. Durante os quatro anos de conflito no estado de Aleppo, diversas imagens e vídeos acabam por ter mais destaque que outros, sobretudo, imagens em que crianças aparecem chorando, feridas e perdidas em meio ao caos. Dentre essas imagens de crianças, uma delas irá significar a guerra de modo particular. No dia 16 de dezembro de 2016, época

---

7 Entre as agências de notícias internacionais, destacam-se a empresa estadunidense American Associated Press (AP), que possui mais de 4000 funcionários em todo o mundo; a agência francesa France-Presse (AFP), com cerca de 4000 funcionários; e a agência britânica Reuters, sediada em Londres, que emprega pouco mais de 3000 pessoas.

dos bombardeios citados anteriormente, é publicado o vídeo-documentário *The last hospital in rebel-held Aleppo*, pelo jornal Channel 4 News, mostrando a situação do hospital de Aleppo, repleto de feridos e no qual se encontra uma criança que sobreviveu a um bombardeio, com as vestes sujas de poeira e ensanguentada, porém, sem demonstrar sinais de que está chorando:

**Figura 1:** as imagens de Aya



**Fonte:** Channel 4 news (2018)

A criança representada na imagem acima chama-se Aya, a qual acabara de sobreviver ao bombardeio que atingiu sua casa. Sua situação é de extremo choque, mas ela não chora, apenas olha para a mulher que está ao seu lado. Na reportagem jornalística da qual foi retirada a imagem, o âncora que está apresentando o noticiário da *Channel 4 News*<sup>8</sup>, a partir dos gestos da criança e de sua situação delicada, pronuncia a frase que será manchete nos jornais do mundo inteiro: “*Aleppo is a place where the children have stopped crying*” [Aleppo é um lugar onde as crianças pararam de chorar].

A partir de então, diversos veículos midiáticos, baseados nos conglomerados midiáticos do Ocidente, atuando pela memória discursiva, vão contribuir para solidificar os imaginários sociais do horror e da guerra, de níveis tão extremos, que as crianças que convivem em meio à guerra “pararam de chorar”, mesmo em situações de

---

8 Segundo dados disponibilizados pelo próprio veículo, o jornal *Channel 4 News* é uma mídia de propriedade pública do Reino Unido, sustentada por financiamento privado. Considerando que o Reino Unido coloca-se, estrategicamente, frente a uma política de oposição ao governo de Bashar al-Assad, o fato de o veículo midiático ser estatal influi nas condições de produção do discurso em questão.

risco. Esse construto reverbera também um conjunto de formações imaginárias acerca da posição-sujeito de uma criança, da projeção que ela ocupa sócio-historicamente, um ser-humano outrora puro e frágil, e agora frio e duro diante da realidade que o circunda; uma posição-sujeito que acaba por significar ao não enunciar, quer seja por não dizer ou por nem mesmo chorar, silenciando sentidos. Não apenas essa criança contribui para despertar esse imaginário ressignificado, mas também a rede de filiações históricas que irrompem na imagem e a coloca em relação com outras imagens de crianças, tanto da Síria quanto de outros períodos históricos de guerra, colocando essa rede de discursos em relação de paráfrase e polissemia.

Deixando de lado os caracteres técnicos da imagem, o que de fato se destaca na imagem de Aya é, principalmente, sua forma de circulação discursiva em outros suportes midiáticos. O acontecimento materializado no vídeo-reportagem do qual a imagem de Aya foi retirada foi publicado pelo jornal Channel 4 News, no dia 16 de dezembro de 2016, não sendo a primeira vez que as imagens de crianças vítimas da guerra em Aleppo circulavam nos veículos jornalísticos internacionais— a textualização dos conflitos bélicos, ao longo da história da humanidade, sob o prisma do sofrimento infantil demonstra em si o estabelecimento de uma prática de discursivização sobre a guerra semelhante ao caso de Aya. Quatro meses antes do bombardeio em Aleppo, ganhou destaque na *internet* a imagem de Omran Daqneesh, de cinco anos de idade, considerado símbolo da guerra na Síria, por ter sobrevivido a uma série de atentados à bomba e ter permanecido estático e em estado de letargia, após ter sido socorrido. No ano anterior, tomava lugar nos noticiários a imagem de Alan Kurdi, de três anos, encontrado morto numa praia da Turquia, enquanto sua família tentava a travessia pelo Mediterrâneo, procurando refúgio da guerra.

Observa-se, pois, o processo que Orlandi (2005) define como circulação de sentidos, isto é, o trabalho de disseminação e naturalização discursiva que fomenta a instituição de uma memória discursiva. Conforme se estabelece tal conglomerado midiático sobre crianças assoladas pelos conflitos geopolíticos, as filiações de sentido sofrem deslocamentos e simultaneamente solidificam determinados discursos, relacionados à criança, à guerra, ao Oriente Médio etc.. A imagem de Aya, em especial, está relacionada a um acontecimento e ao modo como é constituído na *mass media* o discurso sobre crianças sírias e, de modo geral, as crianças que vivenciam a guerra. Após a publicação pela Channel 4 News, o jornal The Independent divulgou a imagem no Twitter no dia 17 de dezembro, seguida do enunciado “Aleppo é um lugar onde as crianças pararam de chorar”. Em seguida, uma série de outros veículos de comunicação replicaram a notícia, evocando sentidos e contribuindo com a constituição de um imaginário sobre as crianças na guerra civil na Síria. Na tabela abaixo, são separadas cronologicamente reportagens de diversos países, Austrália, Brasil, Inglaterra etc., que publicaram

notícias sobre crianças assoladas pela guerra, bem como as publicações que reproduziram a reportagem ou a imagem de Aya.

**Tabela 1:** o arquivo discursivo

Data	Acontecimento/Notícia	Fonte
02/09/2015		<p>PORTAL de notícias G1. <b>Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória.</b> Disponível em: &lt;<a href="http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html">http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>
18/08/2016		<p>BBC. <b>O 'horror de Aleppo' em imagem de menino que sobreviveu a ataque aéreo na Síria.</b> Disponível em: &lt;<a href="https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37116942">https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37116942</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>
16/12/2016		<p>CHANNEL 4 news. <b>The last hospital in rebel-held Aleppo.</b> Disponível em: &lt;<a href="https://www.channel4.com/news/the-last-hospital-in-rebel-held-aleppo">https://www.channel4.com/news/the-last-hospital-in-rebel-held-aleppo</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>
17/12/2016		<p>THE Independent. <b>Aleppo: Footage shows injured children so traumatised they have stopped crying.</b> Disponível em: &lt;<a href="https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/aleppo-siege-syria-evacuation-civilians-children-footage-stopped-crying-a7481131.html">https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/aleppo-siege-syria-evacuation-civilians-children-footage-stopped-crying-a7481131.html</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>

Data	Acontecimento/Notícia	Fonte
17/12/2016		<p>REDETV Notícias. <b>“Aleppo é um lugar onde as crianças pararam de chorar”</b>: vídeo mostra menino resgatado após bombardeio. Disponível em: &lt;<a href="https://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/mundo/aleppo-e-um-lugar-onde-as-criancas-pararam-de-chorar-video-mostra-menino-re">https://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/mundo/aleppo-e-um-lugar-onde-as-criancas-pararam-de-chorar-video-mostra-menino-re</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>
19/12/2016		<p>NEWS.com.au. <b>Heartbreaking footage of the Aleppo siege shows children too devastated to shed tears</b>. Disponível em: &lt;<a href="https://www.news.com.au/world/middle-east/heartbreaking-footage-of-the-aleppo-siege-shows-children-too-devastated-to-shed-tears/news-story/02e1e4135e41750ada331bbf69abe">https://www.news.com.au/world/middle-east/heartbreaking-footage-of-the-aleppo-siege-shows-children-too-devastated-to-shed-tears/news-story/02e1e4135e41750ada331bbf69abe</a>&gt;. Acesso em 17/01/19.</p>

**Fonte:** produzido pelos autores

A partir do cronograma exposto e da disposição das reportagens acima, pode-se ter uma melhor noção da situação enunciativa às quais as imagens e o vídeo de Aya estão submetidos, seja na forma da repetição da notícia ou nos diferentes espaços de circulação da mesma. Porém, há mais do que reportagens a anteceder tal formulação de sentidos. Como já explicitado, para que haja tal disposição significativa, é necessário o trabalho de constituição discursiva, isto é, sentidos pré-existentes e solidificados na forma de memória discursiva. Através dos títulos das reportagens destacadas no quadro, depreende-se parte desse processo discursivo aplicado às condições de produção da imagem.

Na reportagem do jornal *The Independent*, a imagem de Aya e a frase proferida pelo apresentador são retomadas pela manchete da seguinte forma: *Aleppo: filmagem mostra crianças feridas tão traumatizadas que pararam de chorar*; no jornal australiano *News.com.au*, consta o título *Imagens comoventes do cerco de Aleppo mostram crianças muito devastadas para derramar lágrimas*; e no jornal brasileiro *RedeTV Notícias*, apresenta-se o seguinte enunciado: *“Aleppo é um lugar onde as crianças pararam de chorar”*: vídeo mostra menino resgatado após bombardeio. Em cada reportagem, promove-se um deslocamento na materialidade linguística que, entretanto, advém da mesma matriz de sentidos e que se ancora, textualmente,



no fotograma retirado do vídeo e no enunciado estabilizado, cuja aparição se dá, inclusive, de maneira direta no fio do discurso, pela citação entre aspas na RedeTV Notícias. Constatase, a partir das manchetes, formas de circulação distintas mas simultaneamente formações discursivas semelhantes quanto à memória discursiva que sustentam e à filiação ideológica a que estão submetidas.

Assim, pode-se observar o modo como a instituição midiática põe em circulação determinados sentidos acerca da situação humanitária da Síria. Todos os veículos formam uma rede de enunciados, em relação de paráfrase, que vão cristalizando determinados sentidos em detrimento de outros. Nos modos de midiatização de notícias acerca do acontecimento relacionada a Aya, é percebido esse conjunto de discursivizações que são postas em relação de evidência para o público leitor, fazendo com que o imaginário social da guerra na Síria seja ainda mais fortalecido pela memória discursiva instaurada. Conforme Mariani (2007), o papel da mídia é determinante no processo de estabilização de sentidos, em se tratando da descrição de fatos reais, tendo “como característica atuar na institucionalização social de determinados sentidos. E com isso [...] o discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado” (MARIANI, 2007: 215).

A esse ponto, acresce-se também o fato de que a mídia produz uma homogeneização do real, de modo a dissimular a opacidade do acontecimento narrado, o que coloca em destaque as interpretações que se depreendem da imagem de Aya. Quanto a isso, não nos importa saber se as crianças de Aleppo pararam realmente de chorar ou se tal constatação é metafórica, mas cumpre analisar qual a implicação do efeito de sentidos decorrente da discursivização dos meios jornalísticos. Como já fora discutido anteriormente, o ato de capturar uma imagem é mais que a simples decodificação do mundo real, tendo em vista que tal materialização física opera apenas um recorte do real e insere-se no percurso histórico de determinada prática social. Dessa forma, apesar da aparente ilusão de que a imagem retomada pelas reportagens fala por si só, ela se encontra disposta na instância institucional midiática, sujeita a coerções ideológicas.

Assim, os veículos midiáticos produzem, na forma de uma descrição aparentemente neutra, gestos de interpretação em relação à imagem, tomando-a como evidência e confirmação da situação das crianças de Aleppo. A homogeneização à qual nos referimos é justamente essa imposição midiática de uma representação discursiva relacionada às crianças sírias, a partir da dupla delimitação do real: primeiramente, a que é feita pela captura de um fotograma do vídeo exposto e, em segundo lugar, a que dinamiza sentidos específicos em relação a essa imagem recortada. Segundo Pêcheux (2015b), essa “homogeneidade lógica, que condiciona



o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas”, é inerente não apenas à instituição midiática, mas à sociedade como um todo, na medida em que produz entre os sujeitos uma “cobertura lógica de regiões heterogêneas do real”, isto é, opera uma simplificação da complexidade do mundo (PÊCHEUX, 2015b: 32; grifos do autor).

Considerando que as reportagens exemplificadas dizem respeito a lugares de circulação distintos, tal delimitação discursiva acaba ganhando outros contornos. Embora a imagem de Aya permaneça idêntica de uma notícia a outra, há de se destacar que, para além do deslocamento da materialidade linguística, as três reportagens direcionam-se a leitores distintos, especificamente por conta dos diferentes países aos quais pertencem cada veículo jornalístico. Sendo assim, compreendem-se diferentes condições de produção e formas de textualização, mas a filiação de sentidos permanece estável, de modo a poder inseri-las na mesma formação discursiva. A Guerra na Síria, bem como a posição-sujeito das crianças sírias, passa então a tomar dimensões universais em lugares de interpretação distintos, dado o fato de que uma mesma memória discursiva se hegemoniza historicamente. Tendo em vista que a reportagem de Aya ganhou proporções internacionais, é inegável o papel da mídia nesse sentido, uma vez que “está em jogo nos modos de organização dessa agenda uma padronização, uma homogeneização do sujeito” (MARIANI, 2007: 212).

## A posição-sujeito de Aya

Conforme explicitado por Orlandi (2003), ao tratar das condições de produção do discurso, considera-se não apenas o contexto histórico-ideológico, mas os sujeitos inerentes ao processo de comunicação. No caso da imagem de Aya, o que de fato nos convém analisar é a forma como as formações imaginárias irrompem nesse construto de sentidos, ou seja, o papel das projeções sócio-discursivas que são estabelecidas historicamente acerca da posição-sujeito ocupada pela criança e o deslocamento dessa imagem promovido pela textualidade imagética e linguística das reportagens.

Situando historicamente a imagem de uma criança, poder-se-ia projetá-la na posição-sujeito de um ser inocente e frágil. No caso das textualidades em questão, Aya é vítima da guerra; uma criança que sofre com o horror presenciado e que, em função disso, dificilmente se adaptaria à situação vivida. Todavia, é nesse imaginário que se ancoram os veículos jornalísticos ao estabelecer discursivizações segundo as quais as crianças de Aleppo teriam se adaptado às mazelas da guerra



o suficiente para não chorarem no momento dos bombardeios. Produz-se, dessa forma, deslocamentos de sentido em relação ao estatuto infantil, tal como é concebido na memória discursiva hegemônica (pelos menos, ocidental).

O primeiro aspecto a ser analisado nas três reportagens, especificamente no título, diz respeito ao substantivo “crianças” empregado no plural. Reconhecendo que a imagem enfatizada se aplica à Aya, uma criança em específico, o fato narrado deveria, em tese, ter se direcionado a uma singularidade, porém, devido aos interditos dos veículos jornalísticos, o sujeito-criança representado passa a tornar-se um arquétipo universal da situação dos demais, o que se depreende pelo emprego do substantivo no plural. Sua condição de sofrimento se expande para além do acontecimento imediato e passa a compor o desenho do contexto histórico no qual se encontram as crianças da Síria. Com efeito, é possível constatar o mesmo efeito de homogeneização já citado anteriormente: dentre as diversas crianças do vídeo, faz-se o recorte da imagem de Aya e, a partir dela, promove-se o deslocamento de sentido referente à imagem das crianças em geral. Quanto a isso, as análises a seguir, da superfície linguístico-discursiva das três reportagens, podem melhor dizer.

No jornal *News.com.au*, após a demonstração da situação emocional de Aya, passa-se a um processo de expansão da individualidade para a coletividade de crianças. O caso exemplar disso é o deslizamento de sentidos que retomam contextos exteriores ao vídeo, como no enunciado “ontem, o apresentador do programa de notícias turco, Turgay Guler, começou a chorar na televisão ao vivo, depois de ver imagens de uma criança síria sendo operada sem anestesia”, em que Aya estabelece uma ancoragem discursiva através da qual outras crianças, que ocupam o mesmo imaginário relativo à guerra e à dureza, passam a ser também citadas individualmente, para posteriormente serem citados os números e estatísticas gerais. No caso mencionado, observa-se o dismantelamento da posição-sujeito hegemônica da criança, na medida em que esta tem de se submeter a um procedimento doloroso sem anestesia, trazendo-lhe a exigência de ser forte e ríspida diante do sofrimento.

Posteriormente, ainda em relação ao jornal *News.com.au*, pode-se observar o processo de extensão dessa representação infantil pelo seguinte enunciado: “as crianças andam sem rumo pelo hospital manchado de sangue”. Em referência ao vídeo publicado, são mostradas as crianças (desta vez no plural) que andam pelo hospital de Aleppo, expandindo as evidências acerca da guerra e da condição coletiva a que estão submetidos os sujeitos. No final da notícia em questão, essa universalização atinge sua sublimação a partir do enunciado “as Nações Unidas estima que pelo menos 2700 crianças estão entre os 8000 evacuados autorizados a deixar a cidade devastada pela guerra”. Observa-se, nesse sentido, que o estatuto geral das crianças sírias se torna uma evidência justificável para os sujeitos-leitores, visto que os números oriundos da



ONU oferecem efeitos de verdade e solidificam os sentidos relacionados ao avesso da posição-sujeito infantil. Tendo em vista esse percurso que parte da imagem de Aya para o número de crianças assoladas pela guerra, observa-se um contexto micro e macrossocial: passa-se do indivíduo às estatísticas.

No jornal *The Independent*, ocorre o mesmo processo de individualização e universalização, porém não de maneira progressiva, já que no próprio título da reportagem as crianças não são referidas apenas no plural e sim de forma geral (“algumas das milhares de crianças apanhadas no cerco devastador de Aleppo”). Nesse contexto, o deslocamento de sentidos decorrente da notícia se dá pelo termo *milhares*, cuja utilização não especifica o número exato, mas contribui para que se construa simultaneamente a homogeneização da posição-sujeito infantil imposta. Da mesma forma que a notícia anterior, as crianças do hospital de Aleppo também são citadas (“duas outras crianças pequenas, um irmão e uma irmã, são vistos vagando pelos corredores do hospital manchados de sangue”), sempre se ancorando na matriz semântica da qual parte a discursivização jornalística e expandindo o recurso da paráfrase, de modo a mediar os deslizamentos de sentido necessários à consumação do ato discursivo-ideológico.

Por fim, no jornal RedeTV Notícias, observa-se praticamente o mesmo delineamento do primeiro noticiário analisado, em que os sujeitos representados no vídeo são descritos gradualmente. Além da retomada de Aya, depreende-se também a representação da projeção da criança sob uma condição distinta: “um adolescente aparece carregando o sobrinho de apenas um mês nos braços, filho de seu irmão que também faleceu no incidente”. Dessa vez, a morte de um recém-nascido evoca efeitos de sentido pertencentes a uma memória discursiva já constituída anteriormente, uma vez que historicamente a criança, como ser frágil, não teria a possibilidade de suportar tamanho pesar. Diferentemente da frieza de Aya e da situação do menino cuja operação é feita sem anestesia, a criança recém-nascida segue o curso natural da representação hegemônica relacionada ao público infantil diante da guerra. Na dialética entre o passado e o presente, ambas as posições-sujeito da criança ressignificam uma memória acerca do sofrimento na Guerra Síria.

## Considerações finais

Diante de todo o percurso de sentidos que se traçou neste artigo, buscou-se analisar e interpretar a forma como a imagem de Aya perpassa os processos de constituição, formulação e circulação discursiva. Nesse ínterim, pôde-se observar



dois aspectos importantes sobre a discursivização da imagem: a ação midiática de homogeneização do real pelo recorte efetuado em relação à complexidade do acontecimento narrado e a maneira pela qual atuam os processos discursivos, constituindo a estabilidade de memórias discursivas ao mesmo tempo em que disponibilizam evidências aos sujeitos. Visto que tal análise só pôde ser depreendida por intermédio da inserção do caráter histórico dos sentidos, buscou-se tratar tanto das notícias relacionadas a Aya quanto do imaginário que já estava se constituindo muito antes do fato em questão. Dessa forma, não só se constatou que a instituição midiática impõe gestos de interpretação, como delineou-se o funcionamento desse processo a partir do discurso.

Por fim, cumpre destacar que os processos discursivos analisados não devem ser concebidos sem suas bases materiais históricas, ideológicas e econômicas. A constituição de narrativas sobre a Guerra na Síria por veículos jornalísticos encontra-se intimamente relacionada com a política imperialista dos países centrais sobre os países periféricos. Tal condição permite que se firme uma memória discursiva despolitizada referente ao sectarismo étnico e ao horror de uma guerra civil, em contraposição à complexidade material do conflito, cuja profundidade coloca em vistas o papel das estratégias internacionais para o domínio territorial no Oriente Médio e os interesses político-econômicos buscados pelos atores da ordem mundial.

## Agradecimentos

Os autores tecem seus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo financiamento de bolsas para o auxílio na produção e disseminação de pesquisas, tais com esta.

## Referências

BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: \_\_\_\_\_. **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998. 197-211.

CHANNEL 4 news. **The last hospital in rebel-held Aleppo**. Disponível em: <<https://www.channel4.com/news/the-last-hospital-in-rebel-held-aleppo>>. Acesso em 17 de janeiro de 2018.



HAJJAR, Babel. **Para ler a guerra na Síria:** a construção do consenso na cobertura da mídia global. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Imprensa, produção de sentidos e ética. In: RIBEIRO, Ana Paula; FERREIRA, Lucia Maria (orgs.). **Mídia e memória:** a produção e sentidos nos meios de comunicação. Rio Branco: Mauad, 2007. p. 199-217.

MARTINS, J. S. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2008, pp. 33-62.

BANDEIRA, Moniz. **A segunda guerra fria:** geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio [recurso eletrônico]. 1. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto.** 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre, ... et al. **Papel da Memória.** Campinas, SP: Pontes, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Discurso:** estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015b.

\_\_\_\_\_.; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.



SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280.

